

Apresentação

O observatório da vida estudantil: uma contribuição aos estudos sobre vida e cultura universitária

Sônia Maria Rocha Sampaio

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SAMPAIO, SMR., org. Apresentação - O observatório da vida estudantil: uma contribuição aos estudos sobre vida e cultura universitária. In: *Observatório da vida estudantil: primeiros estudos* [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 13-25. ISBN 978-85-232-1211-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



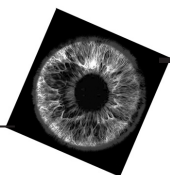
All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Apresentação

O OBSERVATÓRIO DA VIDA ESTUDANTIL¹ uma contribuição aos estudos sobre vida e cultura universitária



SÔNIA MARIA ROCHA SAMPAIO

INTRODUÇÃO

Apresentamos aqui ideia, objetivos, metodologia de trabalho e perspectivas atuais do Observatório da Vida Estudantil (OVE), que atua em duas IFES do Estado da Bahia – a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). O OVE se propõe a acompanhar os diferentes modos de vivenciar a experiência de ser um estudante da educação superior, utilizando-se de metodologia e técnicas de coleta e análise flexíveis no âmbito da pesquisa qualitativa. Seu objetivo é descrever desafios encontrados e aprendizados realizados por esses jovens em seus processos formativos, guiado pelos significados que eles constroem acerca de suas próprias experiências e por uma postura implicada com o contexto em que as pesquisas se desenvolvem: o ambiente acadêmico. Adotar esta perspec-

1 www.observatorioestudantil.ufba.br

tiva, entretanto, significa compreender que os estudantes não constituem um grupo homogêneo e que a diversidade de novos aspectos que afetam a vida estudantil não se limita aos modos por eles adotados para se adaptarem e dar curso à sua vida acadêmica; ela abrange igualmente hábitos e mudanças relativos à saúde, alimentação, lazer, às práticas culturais e sexuais e suas relações com a família e a comunidade.

A universidade brasileira não tem o hábito de dar visibilidade a seus atores. Docentes, gestores, estudantes e pessoal técnico-administrativo, aqueles que constroem o cotidiano acadêmico, não são objeto de estudo sistemático que utilize metodologias sensíveis para expressar aspectos de sua cultura e subjetividade que se desenvolvem no interior da vida universitária. Para melhor desempenhar suas funções e solidificar laços com a sociedade, a universidade carece de um maior entendimento dos itinerários e dilemas enfrentados por diferentes grupos de jovens e adultos que nela convivem ou que dela dependem.

Eleger a relação juventude-universidade como tema de pesquisa é enfrentar um conjunto extremamente diverso de fenômenos complexos. A universidade, historicamente, habituou-se a ver nos estudantes apenas usuários de serviços educacionais. Esteve fechada, por longo tempo, a questões emergentes relativas a esse segmento, falhando em enxergar-se como o espaço-tempo de desenvolvimento onde se dá uma das transições mais importantes da vida de um indivíduo: a passagem para a vida adulta e as tarefas que daí decorrem. Por outro lado, a convivência universitária, pulverizada desde os anos da ditadura militar, foi agravada pela situação de penúria material a que foi submetida essa instituição, impedida de dar atenção a projetos que não fossem voltados estritamente para a formação acadêmica. Aspectos da formação integral da juventude foram negligenciados e hoje pouco se sabe do cotidiano vivido por seus estudantes.

O Observatório da Vida Estudantil surge como linha do grupo de pesquisa – Aproximações: a perspectiva *ethno* em Psicologia do Desenvolvimento do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFBA, em 2007. Nos dois anos seguintes, agregando pesquisadores, estudan-

tes de pós-graduação, de iniciação científica e de extensão em torno da ideia de explorar diferentes aspectos da vida de estudantes universitários, constitui-se como grupo de pesquisa independente, ampliando seu raio de ação para a UFRB, em consequência da aproximação de pesquisadores desta nova universidade, exatamente num momento de expansão e interiorização da educação superior no Estado da Bahia.

A EXPERIÊNCIA FRANCESA DO *OBSERVATOIRE DE LA VIE ÉTUDIANTE*

A iniciativa de acompanhar a inserção de jovens em sua nova vida, a partir do momento em que ingressam na educação superior, não é uma novidade. Já em 1989, o então Ministro da Educação da França, cria o *Observatoire de La Vie Étudiante* que tem como missão fornecer informação, o mais completa, detalhada e objetiva possível, acerca das condições de vida dos estudantes e sua relação com o desenvolvimento de seus estudos. Como projeto institucional amplo, propõe-se, igualmente, auxiliá-los em suas decisões, sem esquecer-se de alimentar a reflexão política e social acerca desse importante segmento da população jovem.

A criação dessa estrutura nacional, disseminada em todo o país, através de observatórios locais e regionais, se dá a partir do extraordinário crescimento do número de estudantes franceses, considerado como verdadeira explosão da população de jovens que ingressavam no ensino superior nessa época. Efetivamente, ao menos do ponto de vista do acesso, a França conseguiu democratizar seu sistema de ensino, contando, já em 2006, com cerca de 2.250.000 estudantes universitários num país com uma população total de cerca de 63 milhões de pessoas². Ao mesmo tempo, o ensino superior francês conheceu uma multipli-

2 Em dados da Pesquisa Nacional de amostra de Domicílios (PNAD), do mesmo ano, o número de estudantes brasileiros matriculados no ensino superior, era de 5.874.000, representando apenas 10,7% do total de indivíduos matriculados em todos os níveis de ensino. A maioria das matrículas (75,5%) sendo na rede particular. Dados a serem referenciados a uma população total de cerca de 187,2 milhões de habitantes. Mais de 60% dos que concluem o ensino médio no Brasil não continuam os estudos.

cação de possibilidades de formação e ampliou sua dispersão geográfica. Esses fatores levaram a mudanças importantes com diversificação cada vez maior das condições de vida e de estudo dessa população. O Observatório Nacional, que opera em permanente relação com todas as instâncias que produzem ou recolhem informações e conhecimentos sobre a vida estudantil, realiza, a cada três anos, pesquisa nacional sobre as condições de vida dos estudantes. Seus resultados ocasionam aprofundamentos temáticos e regionais a depender da prioridade dos resultados encontrados.

Institucionalizados, do ponto de vista de sua estrutura, os observatórios franceses dispõem de um conselho composto de organizações representativas dos estudantes, de personalidades e técnicos ligados ao ensino superior e representantes comunitários. Possui ainda conselho científico composto por pesquisadores escolhidos nas universidades e centros de pesquisa com a função de desenhar, orientar e controlar a qualidade dos estudos realizados pelo observatório. Tanto o conselho quanto o comitê científico são apoiados no trabalho de uma equipe operacional que assegura o funcionamento cotidiano do observatório.

No quadro do projeto *Euro Student*, que tem como finalidade comparar as condições europeias acerca das condições de vida dos estudantes, o observatório colabora, desde 1994, com diversos países que realizam pesquisas do mesmo tipo: Alemanha, Áustria, Bélgica, Espanha, Finlândia, Holanda, Inglaterra, Irlanda, Itália, Letônia, Noruega e Portugal. Os temas privilegiados por esses levantamentos são: características sociodemográficas, acesso ao ensino superior, sucesso nos estudos, locais de moradia, auxílios governamentais, custo dos estudos e internacionalização. Os últimos resultados foram disponibilizados, em 2005, no documento *Eurostudent Report, Social and Economic Conditions of Student Life in Europe*³. Os resultados das pesquisas, realizadas entre 2005 e 2007, que envolveram, dessa vez, 20 países europeus, serão divulgados brevemente.

3 Disponível em: <http://eurostudent.eu/download_files/documents/Synopsis_of_Indicators_EIII.pdf>.

O Brasil, que ainda se debate com enormes dificuldades relacionadas à democratização do ensino universitário, não dispõe de volume satisfatório de estudos que fundamentem políticas para o suporte a esse público, orientadas para dar consistência aos discursos que apontam para a necessidade incontornável de dotar nosso país de modos de vida acadêmica mais ampla e fértil.

É importante sublinhar que a ideia do OVE resulta de longa interlocução com pesquisadores da Universidade de Paris VIII e fundamenta-se na compreensão da universidade como ambiente de formação, mas, igualmente, espaço de desenvolvimento e transição para a vida adulta. (CAMARANO; MELLO; KANSO, 2006)

O OVE E AS POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS

Nos últimos 10 anos, uma discussão tem sido recorrente no ambiente acadêmico: a chegada às universidades públicas brasileiras de setores sociais antes excluídos. A universidade pública não podia continuar ignorando os milhões de brasileiros pobres que reivindicavam passagem para o que é um direito de todos: a educação superior.

Mas isso não vai se dar facilmente: o debate meritocracia x justiça social continua se dando em diferentes setores da vida brasileira em torno da propriedade ou dos formatos das políticas de ações afirmativas. Entretanto, várias universidades⁴, dentre elas a Universidade Federal da Bahia, implantaram sistemas de cotas, desenvolvendo e aprimorando políticas que ofereçam melhores condições de permanência a

4 Os dados que encontramos diferem quanto ao número exato de instituições públicas federais e estaduais brasileiras que adotam algum tipo de programa de ações afirmativas, seja a reserva (social e/ou racial) de vagas ou o sistema de bonificação. Segundo estudo, divulgado em 2010, do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa, do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (Iesp), ligado à Universidade Estadual do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), as ações afirmativas estão presentes em 71,4% de nossas universidades públicas. A primeira iniciativa data do ano 2000. G1, [S.l.], 30 ago. 2010. Vestibular e educação. Disponível em: <<http://g1.globo.com/vestibular-e-educacao/noticia/2010/08/acoes-afirmativas-estao-em-714-das-universidades-publicas-diz-estudo.html>>. Acesso em: 30 ago. 2010.

esse novo segmento de estudantes que, desde o seu ingresso, necessita de apoio para prosseguir e concluir com sucesso o curso de escolha⁵.

Aberto à discussão de diferentes temas que envolvam qualquer segmento de estudantes da educação superior, o OVE privilegiou, inicialmente, uma população específica: os estudantes ingressos na universidade através das políticas de ações afirmativas. O significativo aumento do número desses estudantes e as novas e saudáveis questões pedagógicas, culturais e sociais, que sua presença provoca no cotidiano acadêmico, trouxeram para o Observatório a demanda de se aproximar de suas realidades e dilemas. No momento em que a universidade brasileira ensaia os passos de uma profunda mudança, mais que nunca é necessário acompanhar as populações de jovens que nela ingressam, especialmente aqueles de origem popular, para compreender o que impacta suas vidas num período que compreende sua transição para a etapa adulta da vida.

Uma preocupação do OVE, que fortalece a relevância da realização de estudos com esse segmento estudantil, é avaliar a qualidade da sua efetiva integração a todos os aspectos relevantes da vida acadêmica, superando a mera inclusão quantitativa. Os resultados desses trabalhos têm ainda a intenção, via divulgação científica e debates qualificados, de auxiliar os gestores a desenhar políticas adequadas que ofereçam a esses estudantes suporte e canais de comunicação ao longo de sua trajetória acadêmica, sistematizando informações úteis para o aprimoramento das políticas de assistência estudantil. Importante lembrar que a universidade brasileira está convocada a empreender uma grande reforma em sua concepção e articulação com o conjunto da sociedade, especialmente com os setores historicamente dela excluídos, o que reforça a relevância do acompanhamento das populações de jovens que nela ingressam especialmente aqueles de origem popular. Avançar nessas discussões constitui importante passo em direção à democratização do bem público universitário e, portanto, parte do direito à cidadania plena.

5 O ato de criação de duas instituições recentes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e a Universidade Federal do ABC (UFABC) – já previu a adoção do sistema de cotas.

Vale sublinhar, entretanto que, inicial e prioritariamente voltado para essa população específica de estudantes, a continuidade dos trabalhos de pesquisa do OVE prevê sua abertura para temas e segmentos da população universitária não privilegiados nessa fase inicial. Sabemos que não apenas os estudantes pobres enfrentam dificuldades para se manter na universidade; a própria escolha do curso a seguir é objeto de insegurança para muitos estudantes que não ingressam pelas políticas de ações afirmativas, bem como os dilemas enfrentados ao longo da aprendizagem das regras que regem o trabalho intelectual requerido para prosseguir no curso escolhido. Além disso, temas como a inserção política, os modos de acesso à cultura e o pertencimento a grupos identitários baseados em cor da pele, gênero ou preferência sexual, são temas contemporâneos e que podem vir a se tornar foco de novos estudos.

AS ESCOLHAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DO OVE

Inscritas prioritariamente no campo dos estudos qualitativos, de cunho etnográfico, as pesquisas realizadas pelo OVE são tributárias das abordagens fenomenológicas representadas pelo interacionismo simbólico e pela etnometodologia.

O interacionismo simbólico, considerado como uma das fontes da etnometodologia defende a ideia de que aquilo que os atores fazem do mundo social se constitui, em última instância, como objeto essencial da pesquisa nas ciências do homem. Radicais, os interacionistas recusam vertentes teóricas conservadoras que defendem o isolamento dos dados do seu contexto para torná-los mais objetivos, da mesma maneira que recusam o isolamento do pesquisador da cena de observação. Para essa corrente, o distanciamento do objeto é contraditório; somente a familiaridade com os atores legitima a possibilidade de falar sobre eles. (Le BRETON, 2004)

O interacionismo simbólico não concentra seus esforços teóricos em pesquisas sobre noções abstratas, como “sistema social” ou “sociedade”, mas propõe se debruçar sobre a concretude das relações interin-

dividuais, concebendo a realidade como aquilo que se objetiva nas e a partir das relações que se produzem no interior dos grupos e das instituições, orientando seus objetivos, desta forma, para o social *en train de se faire*.

Reivindicando contato direto, uma relação de imersão no campo e privilegiando estudos que utilizam técnicas que se distinguem por sua flexibilidade e leveza e pelo face a face com os atores, indica a observação participante como sua estratégia privilegiada de pesquisa, servindo-se de entrevistas sob diferentes formas e de documentos pessoais, a exemplo dos diários. Nessa perspectiva, por imersão, o pesquisador torna-se parte ativa do objeto que analisa.

A outra perspectiva teórico-metodológica adotada – a etnometodologia (COULON, 1995; 1996; 2008; GARFINKEL, 1967; SANTOS, 2007), compreende os indivíduos como autores que vivenciam e modificam a realidade ao seu redor, através de suas interações diárias nesse contexto e, ao invés de buscar explicações para seus comportamentos, privilegia as descrições do ambiente de atuação destes atores e as interpretações que fazem acerca dos fatos sociais.

Entretanto, ao adotar a abordagem microssocial dos fenômenos, a etnometodologia não os desvincula de seus contextos ampliados, entendendo que o problema estudado é um fenômeno complexo, onde entra em jogo um grande número de parâmetros habitualmente situados no nível macro. (COULON, 1996)

Outro ponto que justifica a opção pela etnometodologia é o lugar que ocupa a educação como seu objeto de investigação privilegiado. É Coulon (1995) quem vai estabelecer com clareza esta relação, na medida em que a etnometodologia permite apreender os fenômenos que escapam às maneiras clássicas de fazer pesquisa nesse domínio. Para o autor, o fato de tratar de questões de aprendizagem, de fracasso, de exclusão e de interiorização de regras pelos sujeitos sociais aumenta as chances da etnometodologia contribuir com as ciências da educação, apresentando novas e promissoras compreensões acerca desses fenômenos, pois é no cotidiano das instituições educativas, nas malhas das

interações entre alunos e professores que se constituem as bases das dificuldades vividas por muitos estudantes.

A metodologia proposta está calcada na elaboração de diários de campo por parte de todos os envolvidos nos estudos, em entrevistas compreensivas (KAUFFMAN, 1996) e na observação participante e direta das experiências dos atores em foco, técnicas características da etnografia, alternativa sensível para dar conta dos problemas de pesquisa privilegiados pelo OVE. A abordagem etnográfica é utilizada, com frequência, quando o tema pesquisado envolve fatores sociais complexos – culturais, políticos, subjetivos – e quando a proximidade do investigador é condição para acessar, de forma compreensiva, o objeto estudado.

Assim, a postura indicada ao pesquisador, é a de descrever o contexto onde ocorre a produção de sentidos, não se tratando apenas do simples ato de registrar aquilo que se vê em campo como em um inventário, mas de um trabalho rigoroso de analisar e interpretar aquilo que se observa. “A descrição etnográfica é a realidade social apreendida a partir do olhar, uma realidade social que se tornou linguagem e que se inscreve numa rede de intertextualidade”. (LAPLANTINE, 2004, p. 31)

A experiência do campo consiste em uma atitude de distanciamento e estranhamento em relação àquilo que nos é familiar, exige uma suspensão da atitude natural e a observação, mais atenta possível, de tudo o que encontramos e que se relaciona ao foco do trabalho. Dessa forma, a pesquisa etnográfica: “Não consiste em ‘comunicar informações’ já possuídas por outros, nem em exprimir um conteúdo pré-existente e previamente dito, mas em fazer surgir o que ainda não foi dito, em suma, em revelar o inédito”. (LAPLANTINE, 2004, p. 38)

Através da descrição etnográfica, que possui um caráter de recorte e de concentração da atenção sobre um episódio, num dado momento, podemos apreender os fenômenos sociais enquanto totalidades localizadas, datadas e historicizadas, para chegar a uma descrição, o mais completa possível, dos significados compartilhados pelos membros de um determinado grupo e dos processos de construção desses significados pelos participantes.

O trabalho do pesquisador, nesse caso, é de natureza não apenas descritiva, como também interpretativa, o que requer um esforço constante para maximizar a possibilidade de apresentar o contexto e as biografias que o compõem, da forma mais próxima da ótica e da subjetividade das pessoas em situação. Para ter acesso a essas perspectivas ou definições que os atores fazem da realidade, ele deve trabalhar no ambiente onde se desenrolam as ações, nas situações “naturais”, forma privilegiada de religar essas perspectivas ao ambiente no qual elas emergem. Essas situações “naturais”, é bom sublinhar, são o ambiente mais profícuo para a compreensão do fenômeno que se quer estudar, espaço onde estão autorizadas, e são desejáveis, a construção de relações dialógicas entre o *self* do pesquisador e os *selves* dos participantes da pesquisa, considerados não como os “informantes” da tradição etnológica clássica, mas “interlocutores”. (OLIVEIRA, 2006)

O OBSERVATÓRIO DA VIDA ESTUDANTIL E SUAS AÇÕES ATUAIS

O Observatório da Vida Estudantil, atualmente, trabalha em várias frentes de pesquisa, agregando pesquisadores, estudantes de pós-graduação, bolsistas de Iniciação Científica e de Extensão e, mais recentemente, bolsistas de Iniciação Científica Jr. O grupo congrega, atualmente, cerca de 25 participantes que atuam ativamente em seus diferentes projetos

No centro das atenções atuais do OVE encontra-se o projeto *Aproximando a Educação Básica da Educação Superior: uma proposta de pesquisa-ação-formação*, contemplada como projeto de inovação educacional pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), em 2009 e que representa um primeiro movimento interinstitucional do OVE, compartilhando com pesquisadores da UFRB a ideia de considerar a vida e a cultura de estudantes universitários como objeto de estudo.

Resultados de pesquisas anteriores do OVE em escolas públicas de Salvador haviam apontado a fragilidade da educação básica em promo-

ver nos alunos o interesse em continuar seus estudos, ingressando em um curso superior. É dessa forma que surge, dentro do Observatório, a linha de pesquisa *Da Educação Básica ao Ensino Superior*, que propõe estreitar os vínculos entre a universidade e as escolas de ensino médio, formula o projeto aprovado pela FAPESB e obtém, assim, recursos para o seu pleno funcionamento, na forma de consumo e capital, tanto para o grupo de pesquisa quanto para as escolas envolvidas. Seu objetivo central é promover vinculação duradoura entre universidades e escolas de ensino médio para estimular alunos, professores, gestores e famílias, a adotarem a ideia da educação superior como projeto de continuidade de estudos. Esse objetivo materializa a missão da universidade de responsabilidade social e implicação com o desenvolvimento da educação no Estado da Bahia.

A investigação realiza-se, experimentalmente, em quatro escolas de porte médio e grande em três cidades: 02 em Salvador, 01 em São Félix e 01 Santo Antônio de Jesus e reúne em torno dela, professores bolsistas de cada uma das escolas que realizam tarefas compartilhadas com a equipe do OVE.

Na perspectiva do Observatório são desenvolvidos ainda 02 projetos de mestrado, 03 projetos de doutorado, 05 planos de trabalho de Iniciação Científica, 04 de Extensão e 16 planos de Iniciação Científica Jr. Os temas dos projetos passeiam pela realidade da vida dos estudantes residentes, relações de tempo e espaço que envolvem estudantes que chegam do interior, condições dos usuários das estruturas de assistência, impacto de programas que visam a permanência de estudantes de origem popular, percurso acadêmico daqueles que ingressam em cursos de alto prestígio e aspectos do desenvolvimento social, político e afetivo de estudantes universitários.

Parte significativa desses trabalhos, finalizados ou em curso, dão corpo a essa primeira publicação do Observatório da Vida Estudantil UFBA/UFRB.

Importante lembrar que a tradução brasileira do livro do Professor Alain Coulon – *A Condição de Estudante: a entrada na vida universitária* –

ria.⁶ – pela EDUFBA, em 2008, o curso *A atualidade do Interacionismo Simbólico e da Etnometodologia* ministrado por ele, nesse mesmo ano, e as visitas que fez ao nosso grupo de pesquisa, à UFBA e à UFRB, consistiram em poderosos catalisadores para os estudos sobre vida e cultura universitária que iniciávamos, propiciando a bolsistas e pesquisadores uma profusão de novas ideias, boa parte materializada nesta publicação⁷.

Além disso, o OVE não teria ampliado e avançado na qualidade de sua produção se, nesses anos, não vivêssemos um momento muito especial na Universidade Federal da Bahia, que amplia a oferta de cursos e de vagas; utiliza a capacidade ociosa de sua infraestrutura, com turmas em cursos noturnos; propõe novos arranjos curriculares e volta-se para a interiorização da educação superior em nosso Estado, em cujo cenário manteve-se solitária por cerca de 60 anos. Essa espécie de canteiro gigante de obras e ideias é uma mina de novas questões para a pesquisa nesse campo. É preciso, então, atribuir às propostas que nasceram na UFBA o crédito pela inovação e o sonho. Foi num feliz encontro, entre o Reitor Naomar de Almeida Filho e o Prof. Alain Coulon, que ideias ainda vagas tomaram corpo e caminharam. O Observatório da Vida Estudantil tem muito a agradecer aos dois.

REFERÊNCIAS

CAMARANO, A. A.; MELLO, J. L.; KANSO, S. Do nascimento à morte: principais transições. In: CAMARANO A. A. (org.). *Transição para vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: IPEA, 2006.

COULON, Alain. *Etnometodologia e Educação*. Petrópolis : Vozes, 1995.

_____. *L'Ethnométhodologie*. Paris: PUF, 1996.

_____. *A Condição de Estudante: a entrada na vida universitária*. Salvador: EDUFBA, 2008

6 *Le Métier d'Etudiant: l'entrée dans la vie universitaire*.

7 Esta afirmativa pode ser avaliada pelo número de citações dessa obra feitas pela maioria dos autores que dela participam.

GARFINKEL, Harold. *Studies in Ethnomethodology*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1967.

KAUFMANN, Jean-Claude. *L'entretien compréhensif*. Paris: Nathan, 1996.

LAPLANTINE, François. *A Descrição etnográfica*. São Paulo: Terceira Imagem, 2004.

Le BRETON, David. *L'interactionnisme symbolique*. Paris: Quadrige/PUF, 2004.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In R.C. de Oliveira, *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006. p.17-35

SANTOS, Georgina Gonçalves dos. *Récits d'éducateurs: un regard sur la politique et la pratique de prise en charge d'enfants ayant l'expérience de la rue à Salvador, Bahia Brésil*. 2007. Tese (Doutorado em Ciências da Educação). Université de Paris VIII, U.P. VIII, França.